

L64

104  
18  
P. 135

SILVA

A ELREY NOSSO  
SENHOR DOM IOAM

QVARTO

*Que Deos guarde felicissimos Annos.*

Por seu menor Vassallo

O ALFEREZ IACINTO CORDEIRO



*Com todas as licenças necessarias!*

EM LISBOA.

*Na officina de Lourenço de Anueres.*

Anno de 1641.

ms 393924 F1966/F4465

**E**STA Silua a elRey nosso senhor esta conforme com seu Original. Em S. Domingos de Lisboa 12. de Setembro 1641

O Mestre Fr. Ignacio Galvão.

**V**ISTO estar conforme com o Original pode correr esta Silua Lisboa 23. de Setembro de 1641

Fr. Ioaõ de Vasconcellos. Pero da Silua.  
Francisco Cardoso de Torneo.

Sebastião Cesar de Meneses.

Taxão esta Silua em oito reis. Lisboa 13. de Setembro de 1641.

Pinheiro. Meneses. Ribeiro.



Com todas as licenças necessárias

EM LISBOA.

Na officina de Lourenço de Anneses.

Anno de 1641.

RES.  
135511P

A ELREI N. S. D. IOAM O IV.



**E**STIMARA que con hecera vossa Re-  
al Magestade demeu humilde talento,  
que por pouco entremetido fujo de ser  
nomeado, sendo que me puderão ani-

mar os fauores, & merces, que V. Real Magestade  
me fez e VillaViçosa quando na quele real Archivo  
otene guardado o Ceo pera recuperar glorioso, a  
Portugal vsurpado, que de V. Real Magestade era  
he, & sera com tanto direito, como antes, & depois  
os que estudarão os textos sem cautelas confessarão  
& agora de nouo tem confessado. Nesta Silva real  
que escreui na gloriosa aclamação de V. Real Ma-  
gestade, manifesto ao mundo as obras heroycas que  
fizerão os Senhores Reis de Portugal, inclitos  
Auos de V. Real Magestade, nellas verá que sem-  
pre este esclarecido Reyno foy mimoso de Deos ate  
que ouenderão pera Castella? & que agora tornou  
nosso senhor a por os olhos nelle entregandolho mi-  
raculosamente a V. Real Magestade pera que como  
Rey o defenda, como pay o ampare, & como Senhor  
verdadeiro o logre, eo possua. Vigiar, socorrer, &  
animar, que com as esperanças que V. Magesta de  
tem postas em Deos, nada lhe pode faltar, tudo hade

Prima

permanecer em nenhum perigo, nem risco a seus  
leaes Vassallos nos pode desanimar receba V. Ma-  
gestade a vontade, com que lhe o fereço esta Silua,  
que nem por fazer versos me isento do maior risco  
como não isentey eu dous filhos de seu Real serui-  
ço, hum que está seruido em Ceitão, & outro nas  
fronteiras, & eu o farei com excessiuo gosto quando  
V. Magestade seja seruido despacharme. Deos  
guarde a Catolica pessoa de V. Real Magestade co-  
mo todos seus leaes Vassallos deseiamos, Lisboa a  
20. de Julho de 1641.

Menor Vassallo de Vossa Magestade.

O Alferes Jacinto Cordeiro.

# A EL REI NOSSO SENHOR

do Alferes Iacinto Cordeiro.



ue pena humilde a vossa Augusta esfera  
 Prova a voar, Senhor, quando ja a fama  
 Vos aclama por Rey, & senhor nosso,  
 E vosso nome com tal gosto aclama  
 Que de vossa presenca obem venera  
 Pera daruos o Reyno que era vosso:  
 Como de alegre posso  
 Vendo vossa immortal soberania,  
 Que nessa espada Regia desafia,  
 A escurecer as glorias do Tebano,  
 Mouer a pena, Cesar soberano,  
 Se em vossa vista vejo.  
 A que pode chegar nosso desejo.  
 Se da patria catiua, & vsurpada;  
 Aliberdade torna em vossa espada,  
 Sendo dos coraçoes tão venerado,  
 Que o menino menor quer ser soldado:  
 Guardado tinha o Ceo este Thesouro  
 Pera castiguo do soberbo Mouro,  
 Pera amparo de hum Reyno, que choraua  
 Na mayor aflicção triste fortuna,  
 Ia sem eclipse as quinas  
 Tornão a verse em vos, que saõ diuinias.  
 Ia teme o Castelhana na palestra,  
 Vossa fatal espada, em vos taõ destra.

Ia teme vosso braço valeroso.  
Ia se espanta de oniruos poderoso  
Mil receos tem ja de seu estrago.  
Ia vos pinta aclamando Santiago:  
E Portugal verà no bêm que espera  
O rayo ayrado de mais alta esfera.  
Hum Ioão Portuguez rayo do mundo  
Que sendo quarto não terà segundo.  
Mas em vosso retrato verdadeiro,  
Hum Theodosio verà, rayo primeiro,  
Que em terra idade, com valente ensaio  
Mostra que he seu valor, de seu pai rayo.  
Na maior eminencia a Magestade,  
Hum portento em valor nelle alegura  
Epilogo em victorias, & ventura,  
Daquelle Afonso, que de Deos chamado,  
Foy o primeiro no valor soldado,  
Teue o nome de Rey, sendo aplaudido  
Por Deos eleito, ao pouo esclarecido,  
Pois se agora, senhor, o Geo destina,  
Esta eleição ditosa, que he diuina,  
Muy creimel parece, que he diuina,  
Que quem sobe por Deos, de Rey não dece  
Nem decer podeis vos, Cesar inuicto,  
Quando deste conflicto,  
Viestes atirarnos eminentemente,  
Sendo Rey nosso, & defensor valeate,  
Arriscando o poder, & a vida chara,

Quem

Quem por morrer por vos não se arriscara?  
 Quem não darà seu sangue em sacrificio,  
 Fazendo de vasalo leal officio,  
 Por defender a patria, & sangue nosso?  
 Sendo vos redemptor do Reyno vosso,  
 Quem poderá temer nas mores talas,  
 Do enemigo cruel ardentès balas,  
 Que não se arrisque, no mayor perigo!  
 Por hũ Rey Pay, que he de seu pouo amigo  
 V iuse vossa grandeza estimulada,  
 Fezuos a sem justiça vsar da espada,  
 Acordarão dormido,  
 Vosso valor preclaro a uos vnido,  
 Regeitando a Coroa,  
 Mas nunca disimula, nem descança  
 Quiolento, nos rayos de Bargança,  
 Conuocase copouo a fidalguia,  
 Aclama aualentia,  
 Por vosso, o que era vosso por direito,  
 Corre auidraça Amor ao leal peito:  
 E em cada coração por mais ventura,  
 Seuio vossa escultura,  
 Por Vontade de Deos nelles aberta,  
 Todos dauida oferta,  
 A huma vontade vnidos,  
 Querem morrer ousados, catreuidos,  
 Todos querem, senhor, de amor armados,  
 Morrer valentes, ou vencer ousados,

Todos deseão ver-se na Campanha,  
 Ninguém das armas o trabalho estranha,  
 O que nos deu pesar, causou desgosto  
 Agora he gloria nôssa, he doce gosto  
 E com gosto o trabalho mais ardente

He gostoso descanso em vossa gente,  
 Porque pera adoraruos  
 Idolatraõ na gloria sò de amaruos,

Pera morrer constantes, e quereruos,  
 He seu premio mayor obedeceruos,  
 Pera emprender proezas,

Quem igualou façanhas Portuguezas?

Quem no templo de Marte,

Tem mais alto, Senhor, seu estandarte?

Vede o primeiro Affonso valeroso,

Que de Mouros flagelo riguroso

O pinta a fama, que em seu nome voa

Conquistador dos muros de Lisboa,

Euora fugitando,

Com Santarem, Leiria, & Torres novas

Abrindo aos Mouros couas,

Em Mafora, Cezimbra, Serpa, & Beja,

Em Moura, & Cintra, porque omũdo veja

Que não teue segundo,

Este, eminente Rey, Rayo do mundo,

Este, que igual partia,

A metade com Deos do que vencia,

Com pobres, com mosteiros, igualmente,



Merecendo eminente  
 Vencer cinco Reys Mouros em Ourique,  
 Aquelle coração, que em mais perigos  
 O primeiro enuestia os inimigos,  
 Logo o primeiro Sancho seu retrato  
 Tomou no Algarue Silues valeroso  
 E ao Rey de Leão castigou Rayo  
 Ganhoulhe Ponte Vedra, ea Sampayo,  
 A Tuy lhe ganhou com mão armada  
 Que tanto pode a Portugueza espada,  
 Segue Affonso segúdo seus ardores  
 E de Alcaçere asalta os moradores.  
 Logo o terceiro Affonso nosso amparo  
 Albufeira ganhou, Loulè, & Faro,  
 Tambem Aljezur ganha  
 Este atreuido Rey, com força, & manha  
 Eo quarto Affonso com valor ousado  
 Ganha a batalha heroica do Salado,  
 E Ioane o primeiro  
 Restaurador do Reyno verdadeiro,  
 Tomando as armas, & a luzida cota  
 A batalha venceo de Aljubarrota,  
 Estádo a mayor parte diuidido  
 do Reyno por Castella, & tão vendido,  
 Que quasi meyo Reyno estaua posto,  
 A darlhe ao Pay da patria este desgosto,  
 Indigno de sedir a hum Rey tão graue  
 Mas Nuno vosso auò, que omundo atroa

Lhe afinca na cabeça a Real Corôa,  
Anima os Portuguezes tão vrbano  
**A** Que foy rayo fatal do Castelhana;  
Ceupta pasa elRey com galhardia  
E Ceupta ganha no primeiro dia,  
Que em seu galhardo intento,  
Medo lhe teue o mar; respeito o vento  
Os Mouros temor tanto,  
Que a Ceupta lhe étregou seu proprio espaço  
Deos quando quer & com fauor anima  
No imposiuel mayor faz mais estima:  
Logo o galhardo Afonso  
Chamado o Africano  
Faz que Tangere chore o proprio dano,  
Os Mouros acutila,  
Toma Alcaçar Ceguer, destroye Arzila,  
Tudo postra arrogante,  
Com elmo de aço, espada de diamante,  
Torna à patria glorioso,  
O quinto Afonso, inuicto, & valeroso,  
Eo filho dom Ioaõ, Ioaõ segundo,  
Alcides Portugez, gloria do mundo,  
Na de Touro Batalha,  
O campo Castelhana todo espalha,  
E sem medo o ualor nelle parece,  
Que à vista de seus rayos resplandece  
De Manoel felice he tanta a gloria  
Que os limites excede da memoria,

Porque em sua immortal felicidade,  
 Glorias deu seu valor a sua idade,  
 Eopoder generoso em seu aumento  
 Foy da esfera felice mouimento,  
 Da Persia, & India foi Senhor, & amparo,  
 Do Brazil se fez dono elRey preclaro,  
 Azamor, & Safim ganha â Coroa,  
 A fama de seu nome em glorias voa,  
 Africa teme seu valor augusto  
 Parias lhe rende o, Mouro mais robusto  
 Tudo felice lhe concede o fado  
 Nada lhe deu temor, ninguem cuidado  
 Morre Manoel que viue na memoria,  
 Segue loão seu rumo verdadeiro,  
 Conferua oReyno em paz cõ modo inteiro,  
 Logo vem Sebastião, que o Tejo chora,  
 Por que de seu esforço se namora  
 Africa de seu sangue se alimenta,  
 A patria chora, o pouo se lamenta  
 Perdesse obrio, enterrase o cuidado,  
 Fica tudo assolado  
 Vendese o Reyno proprio a Rey estrangeiro,  
 Quem vio ja mais, senhor, rigortamanho?  
 Sesenta annos catiuo,  
 Esteue, inuicto Rey, o que era vosso  
 Eo Duque dom Theodosio Senhor nosso,  
 Desprezando a Coroa, que lhe toca,  
 Nem pera a Regia pompa se prouoca,

Por que o cuidado tinha noceo posto  
Era tratar de Deos seu mayor gosto,  
Que não foi medo, nem rezão de estado,  
Pois tres vezes mostrou ser grão Soldado.  
Tinha o Ceo prometido ao grande Afonso  
Esta felicidade que oje vemos,  
Tinhahe prometido o Rey que temos,  
Pois se vos o foi ia por Deos eleito  
Segura está a defenza na victoria,  
E leguro o valor nesta memoria,  
Não diguo não que em nada aja descudo,  
Preparação, senhor, mui grande em tudo,  
No mar, nas fortalezas, nas fronteiras,  
Vejaõ' quinas, aruoremse bandeiras,  
Eo valor portuguez torne amostarse.  
Que ninguem de o vécer pode iactarse,  
Agora Pay da patria valeroso,  
Rey eleito por Deos, vereis glorioso,  
Que voso nome augusto o mundo atroa,  
Ia Olanda senhor busca Lisboa,  
Ia França vos estima, & vos venera  
Catalunha de vos fauor espera,  
Ingalaterra, Frisa, & Dinamarca,  
De quem queira offenderuos serâ parca  
Pois se todos por vos são com taes modos  
Obra de Deos he já que o sejão todos:  
Venha Duarte Infante sem segundo,  
Gloria de Portugal, Portuguez Marte,

110  
A tomar o bastão em vosso nome;  
Que basta o gram Duarte;  
Pera asombrar os Castelhanos muros  
Quando na inuieta mão a espada tome,  
Tudo fio que dome,  
E tudo se alegura,  
Se vos pondes senhor a espora dura,  
Ao caualo alentado,  
Se a lança empunha vossa mão ayrada,  
Que pelouro auerá, que atroz elpada  
Nesta esperada de valor conquista,  
Que não respeite, vossa regia vista,  
Não conheça o valor em vosso alento.  
Não negue, a seu ardor o mouimento,  
A furia não quebrante,  
Auista desse braço fulminante  
Dizendo na campanha Santiago.  
Portugual viuia, em tão valente estrago,  
E uiuei vos senhor, Pay, & Rey nosso,  
Feliz, na defensão do Reyno vosso,  
Viuei sol dessa Aurora esclarecida,  
Que a Portugual deu luz é seus desmaios  
Pera adorar, senhor, seus bellos rayos,  
Que em sera fins descansa,  
Nossa gloria maior, nossa esperança,  
Pera que Europa veja-  
Que pode o mundo, todo ter inueja,  
A Portugal ousado,

Por vosso inuieto braço restaurado,  
Quando mais oprimido,  
Agora por vos mesmo defendido,  
O Cesar Portuguez, Rey soberano;  
Restaurador da patria no mor dano,  
Veja o mundo o ualor com que nacestes,  
Que nos bem conhecemos q̄ nos destes  
A liberdade propria deseitada,  
Cõ vossco oico braço, & vossa espada.



MOTE

DO PRINCIPE DOS POETAS LVIS  
 de Camoens trocado pelo Alferes Jacinto Cor-  
 deiro na felice entrada de Reyno de Por-  
 tugal DOM IOAM IV.

Campos bemaumenturados  
 Não tornareis aser tristes,  
 Que os dias, em que vos vistes  
 Tão tristes ja são pasados

*Glosa do Alferes*

Chegou de quarenta o anno  
 Campos, de vossa frescura  
 Chegou, campos, a uentura  
 De sairmos deste engano  
 Oje ia fora do dano  
 Florecer podem os prados  
 Que os Potrugueses soldados  
 As armas tomão na mão  
 Por quem sereis com Rezaõ  
 Campos bemaumenturados  
 Desaforos, tiranias,  
 Tiuerão lugar, em quanto  
 Portugal viueo em pranto  
 Tantos afligidos dias



Mas

Mas agora que alegrias  
Promete o Rey, que ja vistes  
Eflorecendo vos ristes  
Depois de tanto pesar,  
Bem vos podeis alegrar,  
Não tornareis a ser tristes,  
São os dias dilatados  
Aquem viue sem prazer  
Por que hum tirano poder  
Vos trazia atropelados  
Viuer podeis ja folgados  
Se desta pena sabistes  
E se ategora tão tristes,  
He força que estimeis mais  
Mais, agrandeza em que estais,  
Que os dias em que vos vistes  
Anobreza, & fidalguia  
Vos tirou desta pensão  
Ja tendes hum quarto Ioão  
**Campos** nesta monarquia  
Agora com alegria  
Floreção vosos cuidados,  
Que se de aflições cansados.  
Tanto esta pena sentistes  
Os dias em que vos vistes  
Tão tristes, ja são passados.

F I M.

RES.

135511P